

NUNCA VOLTES ATRÁS

LEE CHILD

NUNCA VOLTES ATRÁS

Tradução de
VASCO TELES DE MENEZES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

*Para os meus leitores,
com o meu profundo agradecimento.*

Acabaram por enfiar Reacher num carro e levaram-no para um motel a um quilómetro e meio de distância, onde o rececionista do turno da noite lhe arranjou um quarto, com todas as características de que Reacher estava à espera, pois já tinha visto quartos desses milhares de vezes. Havia um aquecedor ruidoso metido na parede, que fazia demasiado barulho para se poder dormir com ele ligado, o que permitira ao dono poupar dinheiro em eletricidade. Segundo essa mesma lógica, só havia lâmpadas de baixa voltagem. Havia uma tapete de pelo curto que, depois de lavada, secaria em poucas horas, para que o quarto pudesse voltar a ser arrendado no mesmo dia. Não que fossem lavar a tapete muitas vezes. Era escura, decorada com padrões e perfeita para esconder manchas. Tal como a colcha. E de certeza que o chuveiro teria uma pressão fraca e intermitente, que as toalhas seriam finas, o sabão, pequeno, e o champô, barato. A mobília era de madeira, toda escura e maltratada, o televisor, pequeno e velho, e os cortinados estavam cinzentos de tão sujos.

Tudo conforme esperado. Nada que ele não tivesse já visto mil vezes.

Mas mesmo assim deprimente.

Por isso, antes de guardar sequer a chave no bolso, deu meia-volta e voltou para o parque de estacionamento. O ar estava frio e um pouco húmido. A meio da noite, a meio do inverno, no canto nordeste da Virgínia. O indolente Potomac não se encontrava longe. A seguir ao rio, para leste, o brilho de D.C. iluminava as nuvens. A capital do país, onde se estava a passar toda uma série de coisas.

O carro que o tinha trazido já se estava a afastar. Reacher ficou a ver as luzes traseiras esbaterem-se na neblina. Passado uns instantes, desapareceram por completo e o mundo sossegou e parou. Só por um minuto. Depois surgiu outro carro, cheio de energia e confiança, como se soubesse para onde ia. Virou para o parque de estacionamento. Era um carro grande simples, de cor preta. Quase de certeza um veículo do governo. Estava a apontar para a receção do motel, mas os faróis percorreram a figura imóvel de Reacher e o carro mudou de direção, avançando diretamente para ele.

Visitas. De objetivo desconhecido, mas com certeza seriam boas ou más notícias.

O carro parou e ficou paralelo ao edifício, tão à frente de Reacher como atrás de si se encontrava o seu quarto, deixando-o sozinho no meio de um espaço do tamanho de um ringue de boxe. Saíram dois homens do carro. Apesar do frio, usavam *t-shirts* brancas justas por cima do género de calças de atleta que os velocistas despem uns segundos antes de uma corrida. Ambos pareciam ter bem mais de um metro e oitenta e pesar acima de noventa quilos. Mais pequenos do que Reacher, mas não muito. Ambos militares. Isso era evidente. Reacher percebeu-o pelo corte de cabelo. Nenhum barbeiro civil seria tão pragmático nem brutal. O mercado não o permitiria.

O sujeito do lado do passageiro contornou o capô e juntou-se ao condutor. Ficaram os dois ali parados, lado a lado. Tinham ambos ténis, grandes, brancos e pouco estéticos. Nenhum tinha estado recentemente no Médio Oriente. Não tinham a pele bronzeada nem rugas de franzir os olhos, que também não revelavam stresse nem tensão. Eram os dois novos, pouco menos do que trinta anos. Tecnicamente, Reacher tinha idade para ser pai deles. Achou que eram militares sem patente de oficial. Provavelmente, especialistas e não sargentos. Não tinham ar de sargentos. Não pareciam suficientemente inteligentes. Antes pelo contrário. Tinham caras brancas e inexpressivas.

O sujeito do lado do passageiro perguntou:

— És o Jack Reacher?

Reacher respondeu:

— Quem quer saber?

— Nós.

— E quem são vocês?

— Somos os teus consultores jurídicos.

Coisa que não eram, obviamente. Isso sabia Reacher. Os advogados militares não andavam aos pares nem respiravam pela boca. Eram outra coisa. Más notícias e não boas. E, nesse caso, uma ação imediata era sempre a melhor aposta. Não custava muito fingir que se estava de repente a compreender, cheio de expectativa e com a mão levantada em jeito de saudação, e também não custava muito deixar que essa reação de expectativa desse lugar a um ímpeto imparável e transformar a mão levantada num golpe cortante, uma cotovelada na cara do tipo da esquerda, com força e para baixo, seguida de uma patada no pé direito, como se matar uma barata imaginária fosse a razão de ser de todo aquele exercício, sendo que o impulso produzido pela pisadela desencadearia o mesmo movimento para a esquerda e uma nova cotovelada, desta feita na garganta do tipo da direita, um, dois, três, zás, trás, pás, fim do jogo.

Não custava muito. E era sempre a abordagem mais segura. O mantra de Reacher era: retaliar sempre primeiro. Principalmente, quando eram dois contra um e os outros tipos tinham a juventude e a energia do lado deles.

Mas. Não tinha a certeza. Não a cem por cento. Ainda não. E não se podia dar ao luxo de cometer um erro dessa natureza. Naquela altura, não. Nem naquelas circunstâncias. Sentiu-se inibido. Deixou o momento passar.

Perguntou:

— Então e qual é o vosso conselho jurídico?

— Conduta imprópria — respondeu o indivíduo. — Deste mau nome à unidade. Um conselho de guerra ia prejudicar-nos a todos. Por isso, devias mas é bazar daqui, já. E não devias voltar nunca mais.

— Ninguém falou de um conselho de guerra.

— Ainda não. Mas vão falar. Por isso, não fiques para aqui à espera.

— Estou a cumprir ordens.

— Não te conseguiram encontrar antes. Não te vão encontrar agora. O exército não usa gente que anda à procura de fugitivos. Mas

também nenhuma dessas pessoas te ia encontrar. Não da maneira como pareces viver.

Reacher não disse nada.

O sujeito disse:

— Portanto, o nosso conselho jurídico é esse.

Reacher retorquiu:

— Registrado.

— Precisas de fazer mais do que registrar.

— Ai sim?

— Porque te estamos a dar um incentivo.

— De que género?

— Cada noite que ainda te encontrarmos aqui, vamos dar-te um enxerto de porrada.

— Ai vão?

— A começar já hoje. Para que fiques com uma ideia geral do que deves fazer.

Reacher perguntou:

— Já compraram algum eletrodoméstico?

— Mas o que é o cu tem a ver com as calças?

— Vi um uma vez, numa loja. Tinha uma etiqueta amarela na parte de trás. Dizia que se nos armássemos em espertos com aquilo, corríamos o risco de morrer ou de ficar gravemente feridos.

— E então?

— Façam de conta que eu também tenho uma etiqueta dessas.

— Não estamos preocupados contigo, velhote.

Velhote. Reacher viu uma imagem do pai passar-lhe pela cabeça. Num sítio qualquer cheio de sol. Okinawa, possivelmente. Stan Reacher, nascido em Laconia, New Hampshire, capitão dos Marines a servir no Japão, com mulher e dois filhos adolescentes. Reacher e o irmão chamavam-lhe *velhote*, e tinha ar de velho, embora por essa altura devesse ser uns dez anos mais novo do que Reacher era agora.

— Deem meia-volta — disse Reacher. — Voltem para o sítio de onde vieram, seja ele qual for. É muita areia para a vossa camioneta.

— Não nos parece.

— Já ganhei a vida assim — disse Reacher. — Mas isso já vocês sabem, certo?

Não houve reação.

— Sei os truques todos — continuou Reacher. — Invenitei uns quantos.

Não houve resposta.

Reacher ainda tinha a chave na mão. Regra empírica: não atacar um tipo que acabou de vir de um sítio com uma porta que se fecha à chave. É melhor um molho, mas até uma chave sozinha serve bastante bem de arma. Se apertarmos a parte plana contra a palma da mão e espetarmos a ponta por entre o indicador e o dedo médio, ficamos com uma soqueira bastante razoável.

Mas. Não passavam de miúdos estúpidos. Não era preciso estar a perder as estribeiras. Não era preciso rasgar carne nem partir ossos.

Reacher enfiou a chave no bolso.

Os ténis indicavam que não pretendiam dar-lhe pontapés. Ninguém dá pontapés a nada com sapatos desportivos brancos e macios. É escusado. A não ser que estivessem a pensar acertar-lhe com os pés só por uma questão de pontos. Como numa daquelas manias das artes marciais com um nome que parece saído de um menu de comida chinesa. Taekwondo e por aí fora. Tudo muito bonito nos Jogos Olímpicos, mas inútil na rua. Levantar a perna como um cão ao pé de uma boca de incêndio era estar mesmo a pedir para levar pancada. A pedir para ser derrubado e levar pontapés até perder os sentidos.

Será que estes tipos sabiam sequer isso? Estariam a olhar para os pés dele? Reacher tinha umas botas pesadas calçadas. Confortáveis e resistentes. Tinha-as comprado no Dakota do Sul. E contava continuar a usá-las durante todo o inverno.

Disse:

— Bom, vou para dentro.

Não houve resposta.

Disse:

— Boa noite.

Não houve resposta.

Reacher já se ia virar e recuar em direção à porta, descrevendo um quarto de círculo contínuo, com os ombros e tudo, e, exatamente como sabia que o fariam, os dois homens avançaram para ele, movendo-se mais depressa, de forma mecânica e involuntária, preparados para o agarrar.

Reacher deixou-os continuar esse movimento até já terem o ímpeto consolidado e, a seguir, inverteu subitamente o círculo que estava a fazer, aproximando-se agora dos homens, sendo que por essa altura já se estava a mover à mesma velocidade que eles, cento e treze quilos prestes a chocar de frente com cento e oitenta, prosseguiu a rotação e espetou uma esquerda comprida ao tipo da esquerda. O gancho acertou-lhe conforme planeado, em cheio no ouvido, e a cabeça do sujeito saltou violentamente e foi bater no ombro do parceiro, que já estava a levar com um *uppercut* de Reacher dado com a mão direita por baixo do queixo. Atingiu-o como mandam as regras e a cabeça do homem andou para trás e para a frente tal como a do amigo tinha andado de um lado para o outro, e quase no mesmo segundo. Como se fossem marionetas e o marionetista tivesse espirrado.

Aguentaram-se os dois em pé. O da esquerda cambaleava como um homem num navio e o da direita estava a andar para trás aos tropeções. O da esquerda tinha praticamente perdido o equilíbrio, apoiava-se apenas nos calcanhares e tinha a massa central completamente desprotegida. Reacher aplicou-lhe uma direita enérgica bem no plexo solar, suficientemente forte para o deixar sem ar e suficientemente suave para não lhe provocar danos neurológicos irreversíveis. O tipo dobrou-se todo, agachou-se e abraçou os joelhos. Reacher passou por ele e dirigiu-se para o da direita, que o viu a avançar e lhe tentou acertar com uma direita fraquinha. Reacher bloqueou-a com o antebraço esquerdo e repetiu o soco bem no plexo solar.

O sujeito dobrou-se ao meio, tal e qual o outro.

Depois disso, foi fácil dar-lhes uns encontrões até ficarem virados para o lado certo e, a seguir, servir-se da sola da bota para os empurrar na direção do carro, primeiro um e depois o outro. Bateram de cabeça, com bastante força, e caíram de borco. Deixaram amolgadelas superficiais nas portas. Ficaram ali deitados no chão, a arfar, ainda conscientes.

Um carro amolgado para explicar e dores de cabeça de manhã. Mais nada. Um ato misericordioso, tendo em conta as circunstâncias. Benevolente. Atencioso. Brando, até.

Velhote.

Com idade para ser pai deles.

Por essa altura, Reacher estava na Virginia há menos de três horas.

Reacher tinha conseguido finalmente lá chegar, depois de se ter posto em marcha nas longínquas terras nevosas do Dakota do Sul. Não foi um processo fácil. Ficara pendurado no Nebraska duas vezes, e o andamento da viagem não tinha sido mais rápido. No Missouri, esperara imenso tempo e depois tinha aparecido um *Ford* prateado, que ia para leste, com um homem magro ao volante que não parou de falar entre Kansas City e Columbia e depois se calou de repente. No Illinois, foi um veloz *Porsche* preto, que Reacher imaginou que fosse roubado, e a seguir vieram dois homens com facas, numa zona de descanso. Queriam dinheiro e Reacher calculou que ainda continuassem no hospital. No Indiana, foram dois dias a andar para lado nenhum e, a seguir, um *Cadillac* azul amolgado, conduzido por um distinto senhor de idade, com um laço ao pescoço tão azul como o carro. No Ohio, foram quatro dias numa cidadezinha e depois uma carrinha vermelha *Silverado* de caixa aberta e quatro portas, com um jovem casal e o cão, o dia inteiro a guiar de um lado para o outro à procura de trabalho. O que, na opinião de Reacher, era uma possibilidade para dois dos três. O cão não arranjaría emprego facilmente. O mais provável era que nunca deixasse de dar prejuízo. Era um rafeiro grande e inútil, de cor clara e com uns quatro anos, que confiava nas pessoas e era bastante simpático. E tinha pelo para dar e vender, embora estivéssemos a meio do inverno. Reacher acabou coberto de uma fina penugem dourada.

Seguiu-se um desvio ilógico para norte e leste, em direção à Pensilvânia, mas foi a única boleia que Reacher conseguiu apanhar.

Passou um dia perto de Pittsburgh, outro perto de York e depois um negro, com cerca de vinte anos, levou-o para Baltimore, Maryland, num *Buick* branco com uns trinta anos. Em termos globais, um andamento lento.

Mas a partir de Baltimore foi fácil. A I-95 atravessava Baltimore e D.C. era a paragem seguinte para sul, sendo que a parte da Virginia onde Reacher queria chegar ficava mais ou menos dentro da área de D.C., quase tanto para oeste do Cemitério de Arlington como a Casa Branca ficava para leste. Reacher fez a viagem de Baltimore num autocarro e saiu em D.C., no terminal por trás da Union Station, percorreu a seguir a cidade a pé, primeiro da K Street para o Washington Circle, depois da 23rd Street para o Lincoln Memorial e, por fim, até ao cemitério, do outro lado da ponte. Havia uma paragem de autocarro junto ao portão. Um serviço local, essencialmente para os jardineiros. O destino de Reacher era um sítio chamado Rock Creek, «Riacho Rochoso», um dos muitos lugares na região com o mesmo nome, por haver rochas e riachos por todo o lado e os colonos terem estado não só isolados uns dos outros como terem tido a mesma tendência descritiva ao dar nome aos vários locais. Nos tempos da lama, dos calções até ao joelho e das perucas, tinha sido sem dúvida uma bonita aldeiazinha colonial, mas mais tarde transformara-se simplesmente noutra cruzamento num raio de mais de duzentos e cinquenta quilómetros quadrados de casas caras e complexos de escritórios baratos. Reacher espreitou pela janela do autocarro, registou o que lhe era familiar, catalogou as novidades e esperou.

Tinha como destino concreto um edifício robusto construído uns sessenta anos antes pelo Departamento de Defesa, que ficava ali perto, com um objetivo original há muito esquecido. Cerca de quarenta anos depois, a polícia militar tinha feito uma proposta para o comprar — por engano, descobriu-se. Um oficial qualquer estava a pensar noutra Rock Creek. Mas ficou à mesma com o edifício. Que esteve vazio durante uns tempos e depois foi atribuído à Unidade Especial 110 da polícia militar para servir de quartel-general.

Era o mais parecido com uma base de operações que Reacher já tinha tido.

Saiu do autocarro passados dois quarteirões, a uma esquina, no fim de uma longa colina que já tinha percorrido muitas vezes. A estrada

que se aproximava tinha três faixas, com passeios de cimento rachados e árvores adultas em canteiros. O edifício do quartel-general ficava mais à frente, do lado esquerdo, num terreno espaçoso por trás de um muro de pedra alto. Só se via o telhado, com uma cobertura de ardósia cinzenta e musgo a crescer no rincão norte.

Havia junto à estrada um caminho de acesso que atravessava o alto muro de pedra por entre dois pilares de tijolo, os quais no tempo de Reacher eram meramente decorativos, sem estarem ligados por um portão. Mas entretanto tinham instalado um. O portão era uma coisa de aço pesada, com rodas de aço que corriam em círculo sobre calhas que destruíam por completo o velho alcatrão. Segurança, em teoria, mas não na prática, já que o portão estava aberto. Do lado de dentro, logo a seguir ao raio de ação dele, encontrava-se uma guarita de sentinela, que também era nova. Estava ocupada por um soldado de primeira classe, com o novo uniforme de combate do exército, que a Reacher lembrava um pijama, todo decorado e largueirão. O final da tarde dava lugar ao início da noite e a luz estava a desaparecer.

Reacher parou à frente da guarita e, quando o soldado o olhou com um ar inquisitivo, disse:

— Vim falar com a sua comandante.

O sujeito respondeu:

— Está a falar da major Turner?

Reacher retorquiu:

— Quantos comandantes é que tem?

— Só um.

— E o nome próprio é Susan?

— Sim, senhor. Correto. Major Susan Turner.

— É a que eu quero.

— E que nome é que devo anunciar?

— Reacher.

— E qual é a natureza do assunto?

— Pessoal.

— Aguarde um minuto.

O sujeito pegou num telefone e ligou a avisar. *Um senhor Reacher para falar com a major Turner.* O telefonema durou muito mais do que

Reacher contava. A dada altura, o homem tapou o bocal com a palma da mão e perguntou:

— O senhor é o mesmo Jack Reacher que já foi comandante desta unidade? O major Jack Reacher?

— Sou — respondeu Reacher.

— E o senhor falou com a major Turner quando estava no Dakota do Sul?

— Falei — respondeu Reacher.

O sujeito repetiu as duas respostas afirmativas para o telefone e ficou a ouvir mais um bocado de tempo. A seguir, desligou e disse:

— Faça o favor de entrar.

Começou a dar indicações, depois parou e disse:

— Calculo que já saiba o caminho.

— Pois, acho que sim — respondeu Reacher.

Avançou e, após ter dado dez passos, ouviu um ranger, parou e olhou para trás.

O portão estava a fechar-se.

O edifício diante dele era um exemplo clássico da arquitetura do Departamento de Defesa dos anos 1950. Comprido e baixo, dois andares, tijolo, pedra, ardósia, armações de janela em metal verde, corrimãos tubulares verdes nas escadas que levavam às portas. A década de 50 tinha sido uma idade de ouro para o Departamento de Defesa. Os orçamentos eram gigantescos. Exército, Marinha, Força Aérea, Marines, as forças armadas tinham recebido tudo o que pudessem querer. E ainda mais. Havia carros no parque de estacionamento. Uns eram veículos grandes do exército, simples, escuros e já com bastante utilização. Outros eram VP, veículos próprios, de cores mais vivas, mas em regra mais antigos. Um único jipe *Humvee*, verde-escuro e preto, enorme e com um ar ameaçador, estava parado ao lado de um pequeno carro vermelho de dois lugares. Reacher interrogou-se se esse carro de dois lugares seria de Susan Turner. Achou que poderia ser. Ao telefone, tinha-lhe parecido uma mulher capaz de ter uma coisa daquelas.

Reacher subiu os poucos degraus de pedra até à porta. Os mesmos degraus e a mesma porta, mas já pintada outra vez depois do

tempo dele. Provavelmente, mais do que uma vez. O exército tinha imensa tinta e estava sempre pronto a utilizá-la. Por dentro, o sítio parecia estar mais ou menos como tinha estado sempre. Havia um átrio à direita, com uma escada em pedra para o primeiro andar, e uma receção, à esquerda. A seguir, o átrio estreitava e dava lugar a um corredor que atravessava o edifício inteiro, com gabinetes à esquerda e à direita. As portas dos gabinetes tinham uma parte com vidro estriado. As luzes do corredor estavam acesas. Era inverno e o edifício tinha sido sempre escuro.

Havia uma mulher na receção, com o mesmo pijama de combate do exército que o sujeito ao portão, mas com a divisa de sargento na insígnia no meio do peito. Como um ponto de mira, pensou Reacher. Para cima, para cima, para cima, disparar. Preferia muito mais o velho uniforme de combate em tons de verde-floresta. A mulher era negra e não parecia contente por o ver. Estava enervada com qualquer coisa.

Ele disse:

— Jack Reacher para falar com a major Turner.

A mulher teve uma série de arranques em falso, como se tivesse bastante para dizer, mas acabou por só conseguir soltar o seguinte:

— É melhor ir ter ao gabinete dela. Sabe onde é?

Reacher assentiu com a cabeça. Sabia onde era. Já tinha sido o gabinete dele. Disse:

— Obrigado, sargento.

Subiu as escadas. A mesma pedra gasta, o mesmo corrimão de metal. Já tinha subido aquelas escadas milhares de vezes. Faziam uma curva e iam desembocar diretamente por cima do centro do átrio, no final do longo corredor do primeiro andar. O corredor tinha as luzes ligadas. O chão tinha o mesmo linóleo. E as portas dos gabinetes, tanto à esquerda como à direita, o mesmo vidro estriado que as do rés do chão.

O seu gabinete era o terceiro à esquerda.

Não, o gabinete de Susan Turner é que era.

Certificou-se de que tinha a camisa dentro das calças e penteou o cabelo com os dedos. Não fazia ideia do que ia dizer. Tinha gostado da voz dela ao telefone. Mais nada. Parecera-lhe que pertencia a uma pessoa interessante. E queria conhecer essa pessoa. Tão simples quanto isso. Deu dois passos e parou. Ela ia achar que ele era maluco.

Mas quem não arrisca, não petisca. Encolheu os ombros para si próprio e tornou a avançar. Terceiro à esquerda. A porta estava exatamente na mesma, mas pintada. Sólida em baixo, e de vidro em cima, com as estrias a cortarem em faixas verticais distorcidas a visão baça do interior. Havia uma placa de identificação de estilo empresarial na parede, junto à maçaneta: *Maj. S. R. Turner, Comandante*. Era uma novidade. Na época de Reacher, o seu nome estava pintado na madeira, por baixo do vidro, com ainda maior economia: *Maj. Reacher, Com.*

Bateu à porta.

Ouviu um indistinto som vocal vindo de dentro do gabinete. Era possível que tivesse sido *Entre*. Por isso, inspirou fundo, abriu a porta e entrou.

Estava a contar com mudanças. Mas não havia muitas. O linóleo do chão era o mesmo, encerado, com um brilho subtil e uma cor escura. A secretária era a mesma, de aço como um couraçado, pintada mas gasta aqui e acolá, deixando ver o metal reluzente, e ainda amolgada no sítio onde ele tinha enfiado a cabeça de um sujeito, já no final dos tempos de comandante. As cadeiras eram as mesmas, tanto atrás como à frente da secretária, peças utilitárias de meados do século xx que poderiam ter rendido bastante dinheiro numa loja estilosa qualquer de Nova Iorque ou São Francisco. Os armários eram os mesmos. A fonte de iluminação era a mesma, uma taça de vidro branca com um rebordo, presa por três correntezinhas.

As diferenças eram, na sua maioria, previsíveis e impulsionadas pela marcha do tempo. Havia três telefones com consola em cima da secretária, onde anteriormente se encontrava um velho telefone de disco, pesado e preto. Havia dois computadores, um de mesa e o outro portátil, onde anteriormente se encontravam duas caixas, uma de entrada e a outra de saída, e imenso papel. O mapa na parede era novo e atual e a taça de vidro brilhava em fracos tons de verde, com uma lâmpada moderna, toda fluorescente e económica. O progresso, mesmo no Departamento de Defesa.

Só havia duas coisas inesperadas e imprevisíveis no gabinete.

Primeiro, a pessoa à secretária não era major mas tenente-coronel.

E, segundo, não era uma mulher mas um homem.

Tal como toda a gente ali, o homem que estava à secretária trazia o mesmo pijama de combate do exército, mas ficava-lhe pior do que à maioria das pessoas. Era como um disfarce. Como numa festa de Halloween. Não por estar especialmente fora de forma mas por ter um ar sério, administrativo e sedentário. Como se a arma de eleição dele fosse uma lapiseira de minas e não uma *M16*. Tinha óculos com armação de aço e cabelo grisalho escuro cortado e penteado como o de um rapaz da escola. Os galões e a placa de identificação confirmavam que era de facto tenente-coronel do exército norte-americano e que se chamava Morgan.

Reacher disse:

— Desculpe, meu coronel. Estava à procura da major Turner.

O homem chamado Morgan respondeu:

— Sente-se, senhor Reacher.

A presença de comando era uma coisa rara e valiosa, bastante prezada nas forças armadas. E o tipo chamado Morgan tinha-a de sobra. À semelhança do cabelo e dos óculos, tinha uma voz de aço. Sem tretas, fanfarronices nem intimidações. Só a assunção vigorosa de que qualquer homem sensato faria exatamente o que ele lhe dissesse, já que, na prática, não haveria uma verdadeira alternativa.

Reacher sentou-se na cadeira das visitas mais perto da janela. Tinha molas e umas pernas que pareciam tubos dobrados e cedeu e abanou um bocadinho sob o peso dele. Lembrava-se da sensação. Já se tinha sentado nela, por uma razão ou outra.

Morgan disse:

— Por favor, diga-me ao certo porque é que cá veio.

E, nessa altura, Reacher julgou que ele lhe estava prestes a comunicar uma morte. Susan Turner tinha morrido. Possivelmente, no Afeganistão. Ou num desastre de viação.

Perguntou:

— Onde é que está a major Turner?

Morgan respondeu:

— Aqui, não.

— Então onde?

— Talvez lá cheguemos. Mas primeiro preciso de entender qual é seu interesse.

— Em quê?

— Na major Turner.

— Não tenho interesse na major Turner.

— Mas perguntou pelo nome dela à entrada.

— É um assunto pessoal.

— Ou seja?

Reacher respondeu:

— Falei com ela ao telefone. Pareceu-me interessante. Achei que podia dar cá um salto e convidá-la para jantar. O manual de operações não a proíbe de aceitar.

— Ou recusar, conforme for o caso.

— Com efeito.

Morgan perguntou:

— E do que é que falaram ao telefone?

— Disto e daquilo.

— Do quê, ao certo?

— Foi uma conversa privada, coronel. E não sei quem é o senhor.

— Sou o comandante da Unidade Especial 110.

— Não é a major Turner?

— Já não.

— Julguei que isto fosse um cargo de major. E não de tenente-coronel.

— É um comando temporário. Resolvo problemas. Enviam-me para sítios para arrumar a casa.

— E esta casa precisa de ser arrumada? É isso que o senhor está a dizer?

Morgan ignorou aquilo. Perguntou:

— E combinou especificamente encontrar-se com a major Turner?

— Especificamente, não — respondeu Reacher.

— E ela pediu-lhe para que viesse cá?

— Especificamente, não — respondeu outra vez Reacher.

— Sim ou não?

— Nenhuma das coisas. Acho que era só uma intenção vaga da nossa parte. Se eu por acaso estivesse aqui perto. Uma coisa desse tipo.

— E, no entanto, aqui está o senhor, aqui perto. Porquê?

— E porque não? Tenho de estar nalgum lado.

— Está a dizer-me que veio do Dakota do Sul só com base numa intenção vaga?

Reacher retorquiu:

— Gostei da voz dela. O senhor tem algum problema com isso?

— O senhor está desempregado, não é verdade?

— De momento.

— Desde que altura?

— Desde que saí do exército.

— Isso é uma vergonha.

Reacher perguntou:

— Onde é que está a major Turner?

Morgan respondeu:

— Esta entrevista não tem a ver com a major Turner.

— Então tem a ver com quê?

— Esta entrevista tem a ver consigo.

— Comigo?

— Não tem absolutamente nada a ver com a major Turner. Mas ela foi buscar o seu dossiê. Talvez estivesse curiosa em relação a si. O seu dossiê tinha um alerta. E esse alerta devia ter feito soar um alarme quando ela o foi buscar. O que nos teria poupado algum tempo. Infelizmente, o alerta não funcionou como devia e só fez soar o alarme quando ela o devolveu. Mas mais vale tarde do que nunca. Porque aqui está você.

— Do que é que está a falar?

— Conhecia um homem chamado Juan Rodriguez?

— Não. Quem é?

— Interessou em tempos à 110. Agora, está morto. E conhece uma mulher chamada Candice Dayton?

— Não. Também está morta?

— A senhora Dayton está viva e contente. Ou não muito contente, pelos vistos. Tem a certeza de que não se lembra dela?

— Mas do que é que se trata isto tudo?

— Está metido num sarilho, Reacher.

— Devido a quê?

— O secretário do Exército recebeu dados médicos que mostram que o senhor Rodriguez morreu em consequência direta de um espancamento de que foi alvo há dezasseis anos. Como nesses casos não há prescrição de crimes, foi tecnicamente vítima de um homicídio.

— Está a dizer que foi um dos meus homens que fez isso? Há dezasseis anos?

— Não, não é isso que eu estou a dizer.

— Ótimo. Então e porque é que a senhora Dayton não anda contente?

— Esse assunto não me diz respeito. Outra pessoa vai falar-lhe disso.

— É bom que o faça depressa. Não vou ficar por aqui muito tempo. Não estando a major Turner cá. Não me lembro de haver mais nenhuma atração por estas bandas.

— Ai vai ficar por aqui, vai — retorquiu Morgan. — Eu e você vamos ter uma conversa demorada e interessante.

— Sobre quê?

— Os dados mostram que foi você que espancou o senhor Rodriguez há dezasseis anos.

— Tretas.

— Vão arranjar-lhe um advogado. Se forem tretas, com certeza que ele o vai dizer.

— O que eu estou a dizer é: tretas, eu e você não vamos ter conversa demorada nenhuma. Nem vai haver advogado nenhum. Sou um civil e você é um parvalhão de pijama.

— Então não se está a oferecer para colaborar voluntariamente?

— Acertou em cheio.

— Nesse caso, o Título 10 do Código dos Estados Unidos diz-lhe alguma coisa?

Reacher respondeu:

— Algumas partes, evidentemente.

— Então é capaz de saber que há uma parte em concreto que nos diz que quando um homem do seu posto sai do exército, não passa a ser um civil. Não de imediato, nem completamente. Passa para a reserva. Não tem deveres, mas continua sujeito a ser reconvocado.

— Mas durante quantos anos? — retorquiu Reacher.

— Você tinha uma autorização de segurança.

— Lembro-me bem.

— E lembra-se dos papéis que teve de assinar para a receber?

— Vagamente — respondeu Reacher.

Lembrava-se de uma série de tipos numa sala, todos muito adultos e sérios. Advogados e notários, e selos, carimbos e canetas.

Morgan disse:

— Havia muita letra miudinha. Naturalmente, se uma pessoa vai ficar a conhecer os segredos do governo, o governo vai querer ter algum controlo sobre essa pessoa. Antes, durante e depois.

— Quanto tempo depois?

— A maior parte dessas coisas fica secreta durante sessenta anos.

— Isso é ridículo.

— Não se preocupe — respondeu Morgan. — A letra miudinha não dizia que você ficava sessenta anos na reserva.

— Ótimo.

— Dizia pior do que isso. Dizia por tempo indeterminado. Mas acontece que o Supremo Tribunal já nos lixou nisso. Ordenou que respeitássemos as três restrições-limite normais e comuns a todos os casos do Título 10.

— E que são?

— Para se poder ser reconvocado, é preciso estar de boa saúde, ter menos de cinquenta e cinco anos e ser passível de ser treinado.

Reacher não disse nada.